

# Como podemos acelerar a inovação no Brasil?

O mercado de saúde global é reconhecidamente um dos mais avançados em inovação, tanto em produtos, como em serviços. Contudo, esta situação no Brasil ainda está aquém quando comparada com outros países.

Como o diálogo é sempre um bom começo para encontrar alternativas, a partir desta edição da **Health-care Management (HCM)** o leitor confere importantes

temas sobre inovação que serão discutidos nesta nova seção.

Confira nas próximas páginas o que os grandes players do mercado pensam sobre inovação e quais as medidas necessárias para que o Brasil desponte no cenário mundial.

## A inovação no Brasil segundo Carlos Goulart

“As associações desempenham um papel fundamental na aproximação entre governo e indústria e na colaboração de construção de políticas públicas voltadas ao setor.” Assim pensa Carlos Goulart, Presidente-executivo da ABIMED, que também fala sobre os grandes desafios para tornar o país um terreno fértil para a inovação na Saúde.

### **Qual a sua opinião sobre a inovação no Brasil, especificamente no setor da saúde?**

O Brasil não possui uma tradição de sinergia entre universidade, indústria e governo. Esta sinergia é ainda mais dificultada pela burocracia das políticas públicas atuais. Os processos administrativos das universidades federais são complexos, demorados e eles desestimulam a aproximação com setor produtivo.

### **O que falta para, de fato, criarmos bases sólidas e produzir inovação no país?**

Apesar das políticas industriais promoverem incentivos financeiros governamentais, há deficiência no Brasil do acesso ao conhecimento, o que dificulta a inserção do país no contexto global. As perspectivas de desenvolver novas ideias no país são dificultadas pela

falta de continuidade de políticas públicas, burocracia excessiva e carência de força de trabalho altamente qualificada. Os pesquisadores brasileiros sofrem restrições de toda ordem em seus estudos científicos. Ademais, as operações fabris não conseguem ter custo de produção eficaz e competitivo o que, mais uma vez, impede a inserção nas cadeias de suprimentos globais.

### **Qual o nível de inovação do Brasil comparado ao restante do mundo?**

Segundo estudo da Bloomberg realizado em 2014 com cerca de 200 países, o Brasil ocupa hoje o 47º lugar entre as nações mais inovadoras do mundo.

Esta pesquisa se utilizou dos seguintes critérios para elaboração de conteúdo:

- > Intensidade de P&D
- > Indústria de alto valor agregado
- > Pós educação secundária
- > Número de empresas de alta tecnologia
- > Pesquisadores
- > Atividades com patentes

O setor de produtos para Saúde se caracteriza por ser extremamente inovador e com curto ciclo de vida dos dispositivos médicos, além de estar na vanguarda de investimentos para P&D atingindo em média 10% do faturamento das empresas.

Portanto o Brasil ainda tem um longo caminho a percorrer para estar entre os protagonistas da inovação global.



### **Como sociedades e associações podem contribuir para a evolução da inovação no setor?**

As associações desempenham um papel fundamental na aproximação entre governo e indústria e na colaboração de construção de políticas públicas voltadas ao setor. Elas são um canal permanente de comunicação e de posicionamentos em relação à inovação por estarem sempre engajadas com todos os atores da cadeia de suprimento da saúde. Elas promovem e incentivam, permanentemente, a compreensão pelas suas empresas associadas das políticas de desenvolvimento industrial e seus respectivos programas de incentivos governamentais no intuito de acelerar a inovação no país.

### **E como a ABIMED tem atuado para fomentar a inovação no país?**

A ABIMED busca diálogo permanente com todos os elos da cadeia de suprimento, incluindo sociedades médicas, no sentido de defender um pacto nacional pela sustentabilidade do sistema de saúde e garantir aos pacientes o direito de acesso às melhores tecnologias. Entendemos também que é nossa responsabilidade promover a visibilidade de horizontes tecnológicos para que ela seja utilizada nas projeções de orçamentos governamentais e desenhos de planos estratégicos para um sistema de saúde verdadeiramente eficaz e transformador na qualidade de vida das pessoas.

# O primeiro passo para desenvolver o ecossistema da saúde

São muitos os desafios que a Saúde brasileira enfrenta. Ainda há muito que se avançar em termos de infraestrutura, indústria, pesquisa e formação dos profissionais. Contudo, há aqui um elemento presente nessas questões e que merece um olhar clínico por aqueles que fazem a Saúde acontecer no país. Trata-se da inovação, o pontapé inicial para transformação.

O trabalho em conjunto com as diversas vertentes da cadeia é o caminho para colher bons frutos. Contudo, diversos desafios despontam por esta trajetória e quem fala sobre eles são os principais pilares da Saúde: Associações, Indústria, Academia e Governo.

## ASSOCIAÇÕES E SOCIEDADES

Para Paulo Fraccaro, Superintendente da ABIMO, a inovação produzida pelas empresas brasileiras do setor de equipamentos descartáveis para a Saúde ainda é muito pequena, principalmente ao considerar que, hoje, o Brasil está entre os dez primeiros países na posição na economia mundial.

“Muitos fatores são responsáveis pela baixa produção de produtos inovadores no país. Provavelmente, uma das principais razões é o fato de que as maiores empresas são multinacionais e desenvolvem a inovação em seus países de origem”, ressalta Fraccaro.

A falta de políticas claras e duradouras que incentivem a inovação nas empresas também é outro problema que merece atenção. Um exemplo disso é a demora para a obtenção de uma patente, ou um registro junto aos órgãos competentes. Há ainda a falta de isonomia tributária para o produto produzido no Brasil.

Diante deste cenário, sociedades e associações desempenham um papel fundamental no país. Elas acabam se tornando um importante elo de diálogo com o

governo, exigindo do Poder Público regras claras e permanentes para que as empresas possam desenvolver seus projetos inovadores.

A luta por fontes de financiamentos com custos acessíveis e valores significativos à disposição das empresas é um exemplo de luta dessas entidades para o setor.

“O governo, sendo sempre o maior cliente das indústrias, deverá ter uma mente aberta para entender que produtos inovadores não são sinônimos de produtos caros, mas sim produtos que trazem melhorias”, ressalta Fraccaro.

Cláudio Mottin, Vice-presidente SBCBM (Sociedade Brasileira de Cirurgia Bariátrica e Metabólica), ressalta também a atuação das entidades em direcionar verbas para a pesquisa, bem como dar suporte ao pesquisador.

“O investimento em pesquisa torna-se um importante pilar para a inovação. O Brasil investe muito pouco em pesquisa ao compararmos aos outros países. Atualmente, são cerca de US\$ 40 bilhões de pesquisa no mundo, enquanto que no país não chega a US\$ 300 milhões”, afirma Mottin.

## INDÚSTRIA

A inovação é o caminho para elevar o patamar tecnológico do país, inserindo-o melhor na cadeia global de valor agregado. Neste sentido, é primordial trazer para este debate o papel da indústria no Brasil.

Segundo Márcio Coelho, Presidente da Johnson & Johnson Medical Brasil, o Brasil é um país com diversos desafios quando o assunto é inovação. “Muitas vezes, focamos nossos esforços em resolver os problemas emergenciais e com isso não conseguimos pensar a longo prazo como forma de encontrar soluções efetivas para questões complexas da cadeia de saúde”, salienta.

A inovação existe quando é possível olhar para grandes problemas e buscar maneiras de solucioná-los. Dessa forma, inovação não diz respeito apenas a uma evolução técnica ou um produto transformador, mais sim quando se busca formas de otimizar processos, diminuir custos, aumentar a produtividade e, de uma maneira geral, tornar o sistema mais sustentável.

Nesse sentido, Coelho acredita que ainda temos muitas oportunidades para explorar, buscando formas inovadoras de melhorar o acesso à saúde de qualidade no Brasil.

“Devemos compreender a inovação como a base para desenvolver todo o ecossistema de saúde, desde o acesso a produtos e procedimentos que melhorem a vida de pacientes e o dia a dia do médico, até iniciativas que diminuam o desperdício da cadeia, otimizem processos, incrementem o serviço e o atendimento ao paciente, tornando o sistema cada vez mais sustentável”, afirma

Ainda de acordo com Coelho, o que ainda falta no Brasil é a visão de que é possível ter a solução para a maior parte das questões, desde que haja um olhar para elas

não como problemas, mas como uma oportunidade de criar soluções, de inovar e, acima de tudo, de colaborar entre setores, instituições, governos, empresas.

Daniel Mazon, Vice-presidente sênior da Philips Healthcare para América Latina, considera que o país tem avançado nos últimos anos e um exemplo disso é a área de nacionalização da fabricação de produtos antes importados. “Neste caso, o governo exige o cumprimento de critérios de investimento em P&D em parcerias com universidades, educação e capacitação de profissionais.”

Contudo, o executivo ressalta que ainda existe muita oportunidade de melhora de produtividade no país, através da capacitação e criação de um ambiente propício à inovação.



Daniel Mazon, Vice-presidente sênior da Philips Healthcare para América Latina

“Precisamos desburocratizar a cadeia, desde a abertura de uma empresa, passando pela de regulação sanitária e fiscalizatória, legislações trabalhista e tributária e suas consequências no chamado custo Brasil.”

Já Oscar Porto, CEO da Medtronic Brasil, ressalta que a inovação no país poderia ser muito melhor disseminada, contudo, o ambiente regulatório, a falta de investimento de P&D e até o pouco número de universidades dedicadas a pesquisa limitam a inovação. “Muito da nossa inovação vem da classe médica, que desenvolveu novas técnicas cirúrgicas, e de poucos medicamentos, vacinas e produtos desenvolvidos pela indústria nacional”, afirma.



Oscar Porto,  
CEO da Medtronic Brasil

A indústria, para o executivo, precisa entender que a saúde demanda produtos certos, para mercados certos, a custos competitivos. Porto também afirma que a inovação chega ao Brasil de maneira ampla, por se tratar de um país de adoção rápida de novidades. Contudo, trata-se de uma adoção seletiva, que, em um primeiro momento, não está disponível para todos. “Uma tecnologia não tem valor se não for acessível para a maioria dos brasileiros. Precisamos de tecnologias a preços que o sistema de saúde possa pagar.”

Assim também defende Sandro Dian, Diretor-geral da Stryker, que mesmo considerando o Brasil como um dos maiores mercados do mundo, afirma que pouca inovação importante foi gerada no Brasil. “Salvo raras exceções, o Brasil inovou pouco na área de saúde, sendo basicamente um receptor de novas metodologias/tecnologias de outros países. Acredito que a fomentação de inovação na área de saúde deve partir inicialmente como plano estratégico do Governo Federal por meio de incentivos para parcerias entre a indústria e universidades.”

### ACADEMIA

Tecnologia e pesquisa básica. Esses são os grandes desfalques para concretizar a inovação no país, segundo o Professor Livre Docente de Cirurgia da Faculdade de Medicina da USP, Carlos Eduardo Domene, que também é Presidente da SOBRACIL - Sociedade Brasileira de Videocirurgia.

“Não se cria uma quantidade expressiva de ciência, pesquisa e desenvolvimento de medicamentos, equipamentos e sof-

twares na área médica. Será necessário grande investimento nas universidades para que assim tenhamos um ambiente propício para boa pesquisa. Além disso, produzimos no Brasil basicamente o que foi desenvolvido no exterior”, afirma.

Quando o assunto é criar inovação no Brasil, Domene acredita que muito ainda temos que fazer, mas quando se trata do uso e da aplicação das inovações que já estão sendo utilizadas em todo o mundo, o professor ressalta que estamos em um bom estágio.

“No Brasil, as inovações são, em sua maioria, criadas e produzidas no exterior. O intenso intercâmbio que existe na área médica, pela frequência em congressos internacionais e visitas a serviços de ponta, faz com que muito rapidamente incorporem novas tecnologias e medicamentos. Neste sentido, os grandes centros praticam uma medicina muito semelhante à dos melhores centros mundiais.”

Inovação e eficiência nem sempre caminham juntas. Muitas vezes, a palavra inovação é utilizada como uma estratégia de marketing ao invés de ser algo verdadeiramente inovador ou vantajoso.

Na área de medicamentos, por exemplo, um levantamento da ANVISA sobre mais de 200 novos medicamentos registrados ao longo de sete anos, menos de 7% destes possuíam alguma vantagem terapêutica significativa em relação aos seus comparadores.

“Evidentemente, as empresas possuem legítimos interesses mercantis, buscando obter a máxima lucratividade possível em seus produtos. Mas há que se observar estrategicamente a capacidade limitada que os sistemas de saúde, público e privado, têm de financiar as tecnologias disponibilizadas no mercado”, explica Murilo Contó, consultor da Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias para o SUS – CONITEC.

Ainda de acordo com o consultor, em um cenário global, o ritmo das inovações parece ser mais incremental do que verdadeiras rupturas de padrões e paradigmas estabelecidos em relação às tecnologias já incorporadas. “O fato destas inovações incrementais estarem sempre acompanhadas de um custo maior que as tecnologias já

estabelecidas dificulta, muitas vezes, sua incorporação nos sistemas, pois representam um aumento no impacto orçamentário com um considerável nível de incerteza quanto aos resultados a serem obtidos com sua possível utilização.”

A articulação entre Estado e indústria tem se fortalecido ano após ano no país segundo Contó. Exemplo disso é o a Mais Saúde Direito de Todos que, desde 2008, vem instituindo um eixo específico para o fortalecimento do Complexo Industrial da Saúde.

“Creio que precisamos continuar evoluindo neste tipo de iniciativa e no fomento progressivo à pesquisa, desenvolvimento e inovação, para que a capacidade da indústria nacional se posicione, cada vez mais, fortemente no mercado mundial e passe, em um futuro próximo, a ser majoritariamente exportadora de tecnologias como ocorre com a maioria dos países desenvolvidos.”

## ABIMED lança prêmio para estimular a inovação na Saúde

Com o objetivo de acelerar a inovação na saúde e fomentar o acesso da população a novas tecnologias, a ABIMED (Associação Brasileira da Indústria de Alta Tecnologia de Produtos para Saúde) lança o 1º Prêmio ABIMED de Inovação Transformacional.

O objetivo é estimular o desenvolvimento de projetos inovadores na área da saúde. Poderão concorrer ao prêmio empresas e profissionais de todo o país que desenvolveram projetos que, comprovadamente, venham transformar o *modus operandi* dos processos-chaves da área de saúde e, assim, contribuir para a sustentabilidade econômica do setor. Serão analisadas as inovações disponibilizadas no mercado brasileiro entre os dias 1 de julho de 2014 a 30 de junho de 2015.

As soluções devem também ser instrumentos para a ampliação do acesso ou da melhora do padrão de cuidado, bem como impulsionar as exportações do setor e, conseqüentemente, a posição do Brasil em toda a cadeia global de saúde.

Serão reconhecidos 3 projetos, um trabalho para cada uma das seguintes categorias-chaves: Sustentabilidade econômica, Ampliação de Acesso e Melhora no Padrão de Cuidado. Os projetos vencedores receberão um troféu e um selo de reconhecimento de vencedor

do Prêmio ABIMED de Inovação Transformacional para ser inserido em materiais impressos e na web.

As inscrições são gratuitas e a submissão dos materiais para avaliação deverá ser feita no site [www.abimed.org.br](http://www.abimed.org.br) até o dia 30 de setembro de 2015. O regulamento do concurso estará disponível neste endereço eletrônico a partir do dia 30 junho de 2015.

O julgamento será realizado por comitê de importantes nomes na área de saúde e inovação, que avaliará até 31 de outubro de 2015 os trabalhos que mais se destacaram no período.

O Prêmio ABIMED de Inovação Transformacional será entregue durante o evento "Prêmio Líderes da Saúde", organizado pelo Grupo Mídia, em dezembro de 2015.



Fabício Campolina, Presidente do Conselho de Administração da ABIMED, e Carlos Goulart, Presidente-executivo da ABIMED